

ARTUR MADRUGA

A COR DO GESTO

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

ORGANIZAÇÃO EDITORIAL: José Couto

REVISÃO: José Carlos Antonio Freitas Torres

IMAGEM DE CAPA: Arte de Artur Madruga

FOTO DO AUTOR: Sandro Rogério

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M183c Madruga, Artur.

A cor do gesto – Artur Madruga – 2ª edição, Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2018.

106 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-340-5

1. Contos I. Título

CDD B869.93

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

TIREMOS A SORTE

Guardo nos dedos um punhado
De cabelos que não são meus.
Não resisto mais.

CAIO FERNANDO ABREU em O POÇO

O mar, à noite, me apavorava e fascinava. Tinha medo de suas ondas fortes, de todo aquele rumor de mata atrás de nós. De tudo aquilo que estava lá fora e era escuro, que se confundia com a noite. E o pior, o irremediável de tudo, é que dormias. Inocência e entrega de um anjo barroco: a nudez envolvida num cobertor de lã de ovelha. As minhas mãos pesavam, as pernas pesavam, o corpo todo doía, uma dor fininha, nauseante. Era como se a minha tarefa tosse velar o teu sono. Esta não era a minha tarefa, mas era, até então, só o que vinha fazendo: a vigilância noturna (enquanto inconscientemente os sonhos catalizadores iam satisfazendo os teus anseios). Ficava ali tentando fugir de tudo que significasse imposição do presente. Querendo, isto mesmo, querendo ligar estas ou aquelas coisas ao futuro ou ao passado. Só que estas coisas futuras e passadas não existiam mais. Era o presente que contava. Só aquela nossa nova condição de nômades, fazendo as coisas que estavam à nossa frente para serem feitas. Nisto consistia

a plenitude, nossa. Entretanto, naquele instante estava com medo do mar, da escuridão lá fora, daquele viver o presente tão solitários. Nosso nomadismo tinha-nos obrigado àquela única e verdadeira habitação: a tenda. Tenda esta que um dia nos descobrimos chamando de papílio, e vivíamos como algumas tribos da Ásia, África e Américas, de lá para cá, libertos da dependência habitual. Libertos da existência do futuro, porque sabíamos sê-lo naquela hora. Além disso, estávamos tentando o máximo de desprendimento da tão famigerada cultura estereotipada, que se originara do clássico e decadente Império Romano.

Há dias, desde que chegamos a esta praia, não tenho conseguido dormir. Confecciono máscaras de palha e represento o teatro grego para te divertir um pouco. Com as máscaras, transmito tudo aquilo que não tenho coragem de dizer sem elas. Depois, enquanto descansamos, toco quena, até que adormeces e depois ainda beijo os teus lábios inertes, e velo, como de costume, o teu sono. Sinto a manhã insinuando a sua chegada quando começa a clarear. Encolho-me em um canto e tento o sono. Não quero que percebas: estou delirando. Por enquanto, quero deixar que as coisas todas sigam seus caminhos, tanto faz serem eles estandardizadas ou originais. A estas alturas, nada me importa. Distender ou aprofundar algo, neste momento, seria uma busca vazia, como a dos pretensiosos heróis de vidro.

A palidez tomou conta da minha pele, dos meus olhos, dos meus órgãos, de todas as minhas formas, dentro e fora. Estou com olheiras profundas e discerniste isto dentre to-

das as minhas coisas, embora não tivesse querido a tua percepção, coisa da qual não consigo fugir. Às vezes ela se aguçava em demasia. Sinto-me um tanto quanto sem salvação. Qualquer movimento diferente que ocorresse — fatalidade inadiável — seria irrecuperável, desestruturaria, arruinaria, então.

A vertigem atinge pontos insuportáveis. Sei, também, que será difícil querer manter rédeas. Às vezes fico pensando: o que pretendia Lord Baden Powell quando semeou a aventura e o desconforto como diversão?

E em nós, o que realmente pretendíamos quando assumimos este nomadismo, esta fuga urbana?

Lembro-me, embora detestando lembranças, as primeiras vezes que acampamos, e me iniciavas na arte de armar barraca. “Delimite a área que a tenda irá ocupar com o forro para o chão”, eram as tuas primeiras palavras do ensinamento, ao que eu corria ávido na execução. Teorizávamos muito sobre muitas coisas. — “Cave, no meio das arestas onde estarão as portas, dois buracos largos e fundos para firmar os suportes”, e eu, agarrado a um galho qualquer, abria a terra em deleite profundo, quase êxtase. Ao término, quando prendia o forro do chão e as paredes laterais com espeques, pensava na força geradora de amor que nos possibilitara armar o papílio. Outra coisa: não poderia esta força recanalizada e recebendo informações diversas, permitir o alcance de níveis reais e utópicos até então desconhecidos?

Durante o dia deixávamos a porta do papílio aberta para garantir boa ventilação, enquanto estávamos por perto, co-

mendo a comida que fazíamos no fogão de pedra ou tocando quena (ela era o nosso contato cultural com a civilização andina).

Um dia aconteceu. Estava predestinado. O processo se desencadearia. Estava na praia riscando o chão e te aproximaste e leste o que eu havia escrito: quis mostrar-te uma beleza inalterada, bela por si mesma, porque todas as coisas que não se alteram são belas por si mesmas e se bastam. E, transcendendo a isso, que exalasse cores pelos poros, e que deixasse toda a calicromia da natureza te possuir. Mas, não. Digo-te simplesmente o que te digo, pelo fato de só querer te dizer, porque desta forma desvinculo a noção de cor e beleza. Romper os elos destas noções não é premissa para colocá-las em segundo plano: elas são inerentes. Estão dentro da alma. Fazem parte dela. São áureas e substancialmente é a própria alma, num plano muito além, incolor e transparente. Isto faz de nós uma coisa uma não limitada, de forma que, se quiser saber onde termina a tua alma e começa a minha, não consigo. Sofremos a metamorfose da unidade, sem distinção. A minha energia psíquica é a tua energia psíquica. Sou e és tudo o que nos compõe: membranas, citoplasmas e núcleos.

Aí,então, me perguntaste o significado de tudo aquilo. Respondi que tudo aquilo era tudo o que eu estava sentindo nos últimos dias, e que estava ligado à minha palidez, aos meus olhos fundos, às minhas noites de insônia. Então perguntei ridiculamente, como quem pergunta se vai chover, se era crime dizer que precisava muito de alguém junto a mim, que seria preferível um ser humano e, ousando, disse que este ser

humano estava bem perto de mim. Aos poucos sentia crescer golfadas de lucidez ante o teu espanto. E, me contorcendo, entendi perfeitamente quando procuraste um fio de naturalidade e me disseste que, em relação a isso, lastimavas não ter dito há mais tempo. Então te mostraste penalizado pelo tempo que eu vinha sofrendo em silêncio (lembro que me faleste em egoísmo), tendo de lutar, sozinho, contra monstros-de-muitas-cabeças. Entendi, sim, entendi mais ainda quando me abraçaste e ficamos imóveis escutando o mar e o sangue borbulhando nas nossas entranhas. A chuva começou fininha e sentimos os pingos escorrerem nos nossos corpos. Nos nossos corpos e nossos rostos. Tivemos que correr para cavar, à volta da tenda, um pequeno fosso para que a água escoasse. O presente sem futuro e sem passado, somente o presente (teria finalmente atingido esta outra dimensão?). Foi como tanger a loucura. Sabíamos que nunca alcançaríamos o futuro, mesmo porque ninguém nunca alcança o futuro. O importante é que estávamos integralmente presentes. Este era o futuro: estar integralmente presente. Entendi, também, que éramos uma ilha junto a milhares de outras ilhas. E, quando o sol surgiu, no dia seguinte, saímos do papílio e fomos caminhar à beira da praia.

Quando estávamos um pouco distantes voltei e queimei a barraca. A partir daquele momento tinha uma única certeza: para aquele lugar não voltaríamos nunca mais. Caminhamos por muito tempo. As pernas pesando. A mochila pesando muito, e, com o passar dos dias, a apatia tomou conta de nós devido às noites não dormidas e às raras alimentações que fa-

zíamos. Certa vez, pedi para que tocases nos meus cabelos, e odiei aquilo, porque eu não queria ter pedido. Queria que ti-
vesses adivinhado o meu desejo. Uma coisa amarga crescia na
minha boca, e eu já não sentia como antes: tua boca parecia
chumbo e areia, e este sentir assim era um segredo meu, um
segredo escuro, claro, paranoico. Nos centros urbanos as pes-
soas tinham muitos outros segredos desvairados. Por que eu,
distante de todo aquele caos, não poderia ter aquela loucura
secreta de chumbo e areia, já que esta preservação tinha co-
notações benéficas? Um dia iria te dizer isto, seria inevitável.
Enquanto caminhávamos, as poucas folhagens da praia pare-
ciam morrer à nossa volta. Apavorava-me e ficava quieto, sen-
tindo um sufoco trancar a respiração.

A minha debilidade não permitia mais coisas como juntar
palha e fabricar máscaras para representar o teatro grego para
ti, depois ainda teria que queimar as máscaras. Não há mais
fôlego para tocar quena. Acampar da forma como havíamos
feito das primeiras vezes, nem posso pensar. A barraca já não
passa de um pouco de cinzas que trago dentro de um vidri-
nho, amarrado à cintura. Todas aquelas coisas que eram qua-
se como que rituais, estão perdidas, de um momento para o
outro, inexplicavelmente.

Lembro que tentei diálogos. Às vezes doces. Às vezes ines-
crupulosos. Pior ainda, é que não sabia ao certo se queria ter
tido um daqueles quase monólogos.

A última vez que paramos para descansar foi assim insu-
portável. Tentaste uma aproximação e eu já tinha afastado
toda e qualquer hipótese em relação a isto, a este aproximar.

Só enxergava teus olhos inflamados de encontro aos meus, tua boca musgosa em contato com a minha. Todas estas coisas que causam repugnância, uma repugnância que não tinha sido construída por mim. Era o resultado do que tu havias elaborado, destruindo-nos aos poucos, nos momentos em que fazias do nosso relacionamento uma coisa tão permeável que o acúmulo das idiotices massificantes nos atingia e penetrava assim tão indefesos. Logicamente não poderíamos continuar ilesos frente ao que nos esmagava. Era, com certeza, impraticável. Tudo tangia o impraticável: o medo era impraticável, as soluções eram impraticáveis, as sistematizações eram impraticáveis (mesmo porque abominávamos toda a dogmatização). E justamente desta impraticabilidade é que experimentávamos, e sucumbíamos, irreversivelmente.

Os dias passavam e não víamos sinal algum de civilização. Isso era bom. Talvez esta desconexão pudesse lapidar, derradeiramente, a tua alma, e o acúmulo das imbecilidades a que tinham te obrigado fosse eliminado nesse processo. Felizmente, aos poucos, foi o que ocorreu: optaste pelo sedentarismo, e reconstruímos todo um mundo só nosso. Selvagem e manso. Belamente harmônico e destituído de hipócritas pretensões.

Vivemos assim em êxtase durante longo tempo. Plenos. A noite e o dia eram sinônimos de liberdade. Não tínhamos mais nada a ver com as tresloucadas monstruosidades condicionadas e estabelecidas pelo urbano inconsciente coletivo. O contato com os elementais em seu habitat parecia fortalecer-nos interiormente. Nas noites em que havia lua, saíamos ca-



Este livro foi composto em Sabon Next LT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em março de 2018.

